

FAVELA OU COMUNIDADE? COMO OS MORADORES, GUIAS DE TURISMO E OUTROS AGENTES SOCIAIS COMPREENDEM SIMBOLICAMENTE O “MORRO” SANTA MARTA (RJ)?

Rafael Melo Pereira¹

Carolina Lescura de Carvalho Castro²

Bernardo Lazary Cheibub³

Niterói, RJ, Brasil

RESUMO: Este artigo tem por objetivo geral levantar questões a respeito dos significados das palavras “comunidade” e “favela” - compreendidas enquanto categorias sociológicas - buscando articular os pontos de convergência e divergência deste par, refletindo sobre as formas de apropriação dos termos por parte de alguns agentes sociais que interagem com a favela “turística” Santa Marta, no Rio de Janeiro. Concernente à metodologia, inicialmente foi feita a análise de diversos trabalhos de autores que falam direta e indiretamente sobre o tema; adicionalmente, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, aplicando-se roteiros semiestruturados de entrevistas com guias de turismo local, moradores, líderes comunitários e turistas/visitantes, com a finalidade de compreender como tais agentes se apropriam das palavras favela e comunidade. A partir dos resultados da pesquisa, concluímos que, de maneira maniqueísta e majoritária, a comunidade é concebida como o local da sociabilidade e da solidariedade, enquanto que a favela se apresenta como o lugar do caos urbano. Todavia, os termos podem se aproximar ou se afastar, dependendo do contexto em que são empregados e de quem o está usando, a partir de diferentes pretextos.

Palavras-chave: Favela. Comunidade. Turismo em favela.

¹ Mestre em Turismo com ênfase em Gestão e Planejamento pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós-graduado em Gestão de Empreendimentos Turísticos (UFF). Bacharel em Turismo - Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Graduado em Relações Públicas (FACHA). Formação em Métodos Ativos de Ensino (C.Universitário Celso Lisboa). Email: rafael_melop@hotmail.com

² Professora Adjunta do curso de bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora e mestre em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras. Email: carolina.volta@ufop.edu.br

³ Professor e pesquisador da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF. Docente do quadro permanente do programa de pós-graduação em turismo (Ppgtur-UFF). Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Cpdoc/FGV, com doutorado sanduíche na Universidade de Surrey (RU). Mestre em Estudos do Lazer pela UFMG. Coordenador do programa de extensão Turismo Social UFF. Líder do grupo de pesquisa MobLaTus - Mobilidades, Lazer e Turismo social. Email: bernardocheibub@id.uff.br

SLUMS ("FAVELA") OR COMMUNITY? HOW DO INHABITANTS, TOURISM GUIDES AND OTHER SOCIAL AGENTS SIMBOLICALLY COMPREHEND SANTA MARTA'S HILL (RJ)?

ABSTRACT: This paper has as general purpose to raise questions about the meaning of the words "community" and "slums" (favelas) - understood as sociological categories - seeking to articulate convergence and divergence of these two pairs, reflecting on the appropriation forms of both terms by social actors/agents which interact at Santa Marta's touristic favela, in Rio de Janeiro. Regarding methodology, qualitative research was conducted, along with the analysis of several works, of authors who deal directly or indirectly about this subject. A semi-structured research guide was applied with dwellers, tourism guides, communitarian leaders and tourists/visitors, with the aim to comprehend how such agents appropriate of the words favela and community. From research results, we have concluded that, in a manicheist and majoritarian manner, the community is conceived as a place of solidarity and sociability while favela is presented as a place of urban chaos. However, these terms could become similar or more distant, depending on the context in which they are put and who is using it, from different pretexts.

Keywords: Slum. Community. Slum tourism.

¿FAVELA O COMUNIDAD? ¿CÓMO LOS RESIDENTES, LAS GUÍAS DE TURISMO Y OTROS AGENTES SOCIALES ENTIENDEN SIMBOLICAMENTE LA "MORRO" SANTA MARTA (RJ)?

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo principal levantar cuestiones acerca del significado de las palabras "comunidad" y "favela" – comprendidas como categorías sociológicas – que buscan articular los puntos de convergencia y divergencia de esta pareja, reflexionando sobre las formas de apropiación de estos términos por los actores/agentes sociales que conviven con a favela "turística Santa Marta, no Rio de Janeiro. En cuanto a la metodología, inicialmente se realizó el análisis de varios trabajos de autores que hablan directa e indirectamente sobre el tema; Además, se realizó una investigación cualitativa, aplicando entrevistas semiestructuradas con guías de turismo locales, residentes, líderes comunitarios y turistas / visitantes, con el fin de comprender cómo estos agentes se apropian de las palabras favela y comunidad. A partir de los resultados de la investigación, concluimos que, de manera maniquea y mayoritaria, la comunidad se concibe como el lugar de la sociabilidad y la solidaridad, mientras que la favela se presenta como el lugar del caos urbano. Sin embargo, los términos pueden acercarse o partir, según el contexto en el que se usan y quién lo usa, bajo diferentes pretextos.

Palabras-clave: Favela. Comunidad. Turismo en favela.

Introdução

A temática proposta neste artigo advém das pesquisas de campo feitas no período de construção da dissertação de mestrado⁴, pois surgiram algumas questões especiais em relação ao espaço da favela. Essa experiência da investigação de campo trouxe a necessidade de refletir a partir da questão central do trabalho: como os moradores, guias e visitantes do Morro Dona Marta constroem no plano simbólico suas noções sobre comunidade e favela, a partir da dimensão turística? De tal modo, o objetivo do artigo é apresentar as diferentes nuances e utilizações das categorias comunidade e favela, buscando refletir como os agentes envolvidos no contexto de uma favela turística constroem no plano simbólico suas noções sobre tais categorias.

As discussões acerca desse tema serão desenvolvidas articulando o entendimento teórico-conceitual sobre o par favela/comunidade com a compreensão desses termos e seus significados para os agentes sociais envolvidos. Nesse escopo, é possível entender como ambos – comunidade e favela – dialogam com o fenômeno turístico que se desenvolve nas favelas do Rio de Janeiro, em especial na Santa Marta (favela situada no morro Dona Marta), objeto de estudo explorado na pesquisa que gerou este artigo.

No campo teórico, observa-se a importância dos estudos das categorias supramencionadas para além do seu sentido (estritamente) semântico, observando principalmente quais os simbolismos que moradores, guias de turismo local, turistas/visitantes e líderes comunitários podem atribuir a esse par.

Nesta conjuntura, procuramos compreender como o poder público, por meio do programa Favela-Bairro⁵, interferiu nos aspectos materiais e imateriais das favelas, inculcando nos moradores o termo “comunidade”. Cabe explicar que a história e as configurações do programa de Pacificação, representado com a entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)⁶ nas favelas, não serão aprofundadas aqui – embora, com a sua chegada, a categoria “comunidade pacificada” tenha insurgido –, pois entende-se que o Favela-bairro, além de mais antigo (final da década de 1970), se apresenta como um marco mais contundente da substituição ocasional do termo favela por comunidade.

Em seu desenvolvimento, este trabalho, de natureza qualitativa, realiza uma discussão do ponto de vista teórico sobre turismo em favelas, apresentando conjuntamente os resultados de uma pesquisa de campo realizada na Favela Santa

⁴ Defendida no Programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR) da Universidade Federal Fluminense.

⁵ O programa foi difundido como modelo inovador de intervenção em favelas no Rio de Janeiro, por tratar a problemática destas áreas em seu conjunto, intentando melhorar a qualidade de vida da população e transformar o conceito e a imagem das favelas na cidade (MENDES, 2006).

⁶ “O Programa engloba parcerias entre os governos – municipal, estadual e federal – e diferentes atores da sociedade civil organizada e tem como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população. A pacificação ainda tem um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades, pois potencializa a entrada de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, esportivos e culturais, investimentos privados e oportunidades” (UPP-RJ, 2019).

Marta, na cidade do Rio de Janeiro. Na pesquisa empírica foi aplicado um roteiro semiestruturado de entrevistas com 28 pessoas, envolvendo líderes comunitários, guias de turismo locais, moradores (que não trabalham com o turismo) e turistas/visitantes⁷. Para este artigo, nem todos os discursos apreendidos na investigação de campo serão apresentados, pois optamos por recortar apenas as falas que esboçam a discussão conceitual das categorias “favela” e “comunidade”. Optou-se por não exibir o nome dos entrevistados, mantendo o anonimato para garantir que os interlocutores pudessem falar abertamente sobre os diferentes temas abordados nas entrevistas. Desse modo, denominamos os grupos investigados por siglas, tais como: Líder Comunitário (LC1); Guia de Turismo (GT1, GT2, GT3 e GT4); Moradores (M1, M2, M3); a Turista/Visitante (V1).

Para sistematizar a pesquisa de campo, a técnica “bola de neve” foi utilizada para permitir que o escopo fosse alcançado. A referida técnica “é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes”, e assim sucessivamente “até que seja alcançado o objetivo proposto” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332). Adotando esta técnica, as entrevistas foram realizadas com diferentes atores até que a proposta desta pesquisa fosse atendida.

Além das falas dos entrevistados coletadas na pesquisa de dissertação de mestrado, foi realizada uma breve análise das respostas do Blog “Descolando Ideias”, pois tratava-se de uma enquete que vai ao encontro da proposta desta pesquisa (“Comunidade X Favela – Qual é o ‘certo?’”).

Todas as informações coletadas foram submetidas à análise qualitativa, no qual buscou-se entender o conteúdo dos discursos dos entrevistados, relacionando com a teoria sobre o tema.

Em sua construção, o artigo foi dividido em três partes principais, tendo este primeiro ponto um caráter introdutório, em seguida uma seção que desenvolve a discussão, e por fim, a última seção, trazendo algumas considerações e possíveis horizontes sobre o tema.

Favela x Comunidade

O debate proposto neste artigo busca elucidar alguns temas ligados ao espaço social da favela. ‘O que é a favela’ e ‘como o turismo acontece nesses espaços’ são temas largamente discutidos; contudo, o referido trabalho lança outro olhar sobre estas questões, discutindo especificamente o uso das palavras “favela” e “comunidade”, destacando suas distintas apropriações pelos sujeitos, em diferentes situações.

Antes de apresentarmos algumas reflexões sobre as categorias “favela” e “comunidade”, é importante entendermos que a prática do turismo, no território da favela,

⁷ Antes de cada entrevista realizada, foi apresentado ao interlocutor um Termo de Compromisso Livre e Esclarecido, com informações sobre a pesquisa (objetivos, confidencialidade e pressupostos éticos).

pode se dar por meio do turismo de base comunitária (TBC) e/ou por meio do favela *tour*. O TBC é uma organização sustentada na propriedade e autogestão dos recursos e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos. Pode-se dizer que é um turismo de inclusão social (MORAES; EMMENDOERFER, 2015). O TBC tem em sua essência o desenvolvimento local, a sustentabilidade, a solidariedade e o pertencimento. Já o favela *tour* geralmente é realizado por agentes exógenos - agências de viagens que desenvolvem passeios turísticos pela favela - não promovendo, portanto, geração de emprego e renda para a comunidade (REZENDE, 2014). No caso da favela investigada, o modelo praticado de turismo aproxima-se mais da proposta de TBC, onde a maioria das agências e guias de turismo são autóctones (BARBOSA, 2015); contudo, não foi possível identificar por meio da pesquisa se todos os elementos que caracterizam a prática do TBC são atendidos, uma vez que não foi apreendido como se dá a distribuição dos ganhos entre os integrantes da comunidade.

O uso da favela como espaço de prática do turismo nos permite refletir como os agentes sociais enxergam o espaço social em que eles estão inseridos: se a favela virar comunidade – aquela organizada (física e socialmente) e segura – os turistas continuarão a subir os morros? Ou a ausência de todos os estigmas que a favela traz a tornaria um lugar menos “interessante” para os turistas?

Segundo uma líder comunitária, o que mais interessa para o turista é a favela:

Acho que comunidade te passa o ar de tudo muito bem organizado, sabe? Aquela coisa assim, um saco. Quando eles chegam na favela e veem uma coisa totalmente diferente, todo mundo se comunicando, eles acham muito interessante isso também. Uma vez a turista falou pra mim: você desce o morro inteiro falando com as pessoas. Eu falei: mas todo mundo me conhece. “Eu moro em apartamento e não conheço meu vizinho do lado” [turista]. Eu disse que aqui não é assim. Se você falar meu nome aqui todo mundo vai saber quem é. Isso é a favela (LC1).

Para ela, se a favela se configurasse exatamente como uma comunidade (aquela idealizada como “perfeita”) possivelmente não despertaria o interesse de visitantes que são atraídos por esta forma singular de organização social. Convém observar que as qualidades que ela atribui à favela são justamente aquelas que o vocábulo comunidade tem em suas definições – o que será discutido mais a frente. Aparentemente, a moradora tem uma visão diferente do que é uma comunidade e, por isso, a classificou como tediosa: “aquela coisa assim, um saco”. Diferente desta moradora, um guia de turismo, morador da favela, explica que, se a favela virasse uma comunidade, ficaria melhor:

Seria muito melhor. Porque é possível ver a transformação de um lugar que foi invadido, cheio de barracos de madeira, com vala e tal, e agora tá urbanizado. Seria mais um motivo para os turistas virem ver. Eles iam ficar curiosos para ver o lugar que antes tinha uma fama ruim, mas agora tem uma fama boa (GT1).

Nesta fala é possível observar que, para o guia, a favela pode se tornar um local de maior atração para o turista se for transformada em um espaço devidamente urbanizado. Esta seria uma forma de apresentar ao visitante um espaço que simbolicamente migrou da precariedade social para a organização, despertando, possivelmente, o desejo de comparar o “antes com o depois”.

Contrariamente, uma moradora que não trabalha com turismo concorda com a líder comunitária (LC1) e comenta: “Se tornaria um lugar comum. Perde o interesse. O turista não pode mais falar: fui numa favela” (M1). A opinião dos entrevistados divergiu neste ponto. Alguns acreditam que o fluxo turístico não diminuiria se a favela perdesse completamente seus estigmas. Outros acreditam que a curiosidade dos turistas é aguçada por causa destas marcas; todavia, os guias de turismo locais afirmaram - por meio de conversas informais durante a pesquisa de campo - que, após o *tour*, muito do imaginário negativo é desconstruído pelo visitante. Parece que os estigmas têm uma função paradoxal neste sistema. Funcionam como uma espécie de ímã para captar clientes, atraindo mais e mais curiosos; no entanto, há a necessidade das agências de receptivo (especialmente as locais) mostrarem a singularidade deste lugar e suas “virtudes” aos visitantes, no intuito de que não sejam propagadas ideias “ruins” sobre o local após o *tour*.

O tema causa dúvida em todos os entrevistados. Alguns defendem que a favela é o que importa para os turistas – aquela estigmatizada –, enquanto outros afirmam que a comunidade – pacificada, com uma ideia de unidade – é o que os visitantes querem ver, pois assim eles poderiam aproveitar melhor sua estadia na favela, sem medo algum.

A questão anterior (o que o turista quer: a favela com estigmas ou a comunidade pacífica para visitar?) provocou nos entrevistados o desejo por desenvolver outro mote, que é o uso dos termos favela e comunidade para identificar o mesmo local, sendo o primeiro associado a um local ruim e o segundo a um local bom. O debate sobre o que estes termos realmente significam para o grupo de entrevistados nos interessa, pois parece existir diversas motivações para o emprego de uma palavra em detrimento da outra.

Nesta perspectiva, os significados das categorias favela e comunidade tornaram-se relevantes no debate que insurgiu durante a investigação, pois está relacionado à concepção do espaço social e cotidiano dos moradores. De tal modo, importa avaliar os pontos de convergência e divergência desse par e, por conseguinte, buscar desvelar quais sentidos (semânticos) essas categorias têm para os agentes sociais que as utilizam.

O termo favela, segundo o dicionário Novo Aurélio, é definido como um “conjunto de habitações toscamente construídas (por via de regra em morros) e com recursos higiênicos deficientes” (FERREIRA, 1999, p. 885). Cabe analisar que o referido dicionário traz em seu conteúdo uma explicação focada nos aspectos negativos das favelas; sendo este um instrumento de consulta que está disponível para a população de modo geral –

um dicionário é um livro popular entre aqueles que buscam explicações sintéticas sobre os termos de determinada língua – a possibilidade dele incutir no leitor uma ideia preconceituosa das favelas é grande.

O termo comunidade consta no mesmo dicionário como: “Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica” (FERREIRA, 1999, p. 517). Diferente da nota concernente ao vocábulo favela, o dicionário traz uma explicação sobre o termo comunidade que, de certo modo, gera mais simpatia por parte do leitor.

Em uma busca rápida no Google, *site* de busca mais utilizado no mundo, a palavra favela gera vários resultados, como casos registrados em jornais (prisões, mortes), letras de músicas com esse vocábulo e uma definição no *site* Wikipédia⁸ (que se define como uma enciclopédia livre na qual todos podem editar):

[...] é um assentamento urbano informal densamente povoado caracterizado por moradias precárias e miséria. Apesar das favelas diferirem em tamanho e em outras características de país para país, a maioria delas carece de serviços básicos, como saneamento, abastecimento de água potável, eletricidade, policiamento, corpo de bombeiros, além da falta de infraestrutura em geral e de regularização fundiária, entre outros problemas [...] (UN-HABITAT, 2007).

Já a palavra comunidade tem como resultados diversos *links* com definições, incluindo a Wikipédia: “Uma comunidade é um conjunto de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, geralmente vivem no mesmo local, sob o mesmo governo ou compartilham do mesmo legado cultural e histórico [...]” (FICHTER, 1973). Por ter esta característica de trazer textos editados por pessoas aleatórias, a página perde credibilidade no meio acadêmico, mas neste momento ele se torna relevante, pois indica que o conteúdo sobre a favela foi escrito de forma colaborativa e é focado nos aspectos negativos, assim como no dicionário.

Referente ao uso da “categoria” comunidade no lugar de favela, os estudos de Freire (2008), na favela Acari, indicam que o uso do termo é mais comum entre os moradores das favelas, como os líderes locais, quando estes tentam impressionar “pessoas de fora” (agentes do setor público) ao exporem orgulhosos suas contribuições para a “comunidade”. Freire (2008, p. 110) explica que os moradores se referem a sua favela enquanto comunidade quando buscam “produzir uma imagem pública positiva, desvinculada do estigma homogeneizante já incutido na própria noção de favela”. Quanto ao poder público, a referida autora avalia que assim como os moradores, “a prefeitura vem optando por este termo [comunidade] como a forma politicamente correta de aludir a essas localidades e seus moradores” (FREIRE, 2008, p. 111).

⁸ A menção ao Wikipédia, bem como a pesquisa realizada no Google, neste artigo, não possuem a finalidade de atribuir credibilidade acadêmica a tais ferramentas de busca. A proposta é apontar quais são os significados atribuídos às categorias “favela” e “comunidade” em meios de comunicação usualmente utilizados pela população, mesmo não possuindo rigor científico.

Para além do sentido semântico do vocábulo favela, é relevante avaliar que a sua construção se dá em um contexto histórico e também se estabelece a partir da percepção social daqueles que não moram nas favelas. Freire (2008, p. 108) explica que

[...] termo “favela” vem, ao longo do tempo, adquirindo um caráter depreciativo, uma vez que em torno desses espaços se construiu no imaginário social uma série de mitos ligados à pobreza, à violência e à criminalidade, que se refletiam nas ações do poder público neles empreendidas e na conseqüente estigmatização de seus habitantes como pobres, violentos e marginais em potencial.

Quanto ao uso da “categoria” comunidade no lugar de favela para denominar seu território, alguns moradores responderam a uma enquete (“Comunidade X Favela – Qual é o ‘certo?’”) no *blog* “Descolando Ideias”⁹. Vale destacar que a apresentação das respostas deste *blog* não está relacionada ao fato dos autores atribuírem a esta ferramenta comunicacional qualquer rigor científico. A proposta aqui é apresentar como tais categorias (favela e comunidade) são significadas entre pessoas comuns, que vivem nesses locais. Assim, destacamos as seguintes respostas:

Somos favela e lutamos pelo fim do estigma negativo que as classes sociais mais privilegiadas estabeleceram como certo. Favela não é ruim, não é negativo. Apenas um lugar que por muito tempo o Estado não assistiu.

Acredito que usar COMUNIDADE é estereotipar o que as pessoas de fora pensam sobre a favela.

Não é preferência, eu só uso Favela. Pois acredito que temos que desconstruir esse estigma de que favelado é coisa ruim. Seu conceito estrutural [favela] se resume numa questão muito específica, que é estar a margem da sociedade.

Estas questões trouxeram a lembrança de uma situação vivida durante a visita à favela Babilônia¹⁰, em que aconteceu um diálogo que inspira diversas ponderações. Na ocasião, presenciou-se uma conversa entre um casal: um homem, residente da Babilônia e uma mulher, habitante de outra favela. O morador no decorrer do bate-papo utilizou o termo favela ao se referir a outro lugar; contudo, antes mesmo que o rapaz terminasse sua sentença, sua namorada o interpelou: “a dos outros é favela, a sua você chama de comunidade”. Prontamente o morador rebateu a “provocação” e, dessemelhante ao que

⁹ Segundo seus fundadores, o *blog* foi criado por moradores do Complexo do Alemão (RJ) para difundir informações sobre as favelas naquela localidade. Convém explicar que não foram escolhidas apenas as respostas daqueles que concordam com o uso do termo favela. Pelo contrário, não havia, neste *site*, nenhuma resposta de morador que advogasse pelo uso do termo comunidade. Até mesmo os comentários no pé da página, feitos aparentemente por moradores de outras favelas, também defendiam o uso da palavra favela como sendo a mais correta; alguns ainda sugeriam que a categoria comunidade, quando atrelada aos termos “carente” ou “de baixa renda”, é mais pejorativa do que a categoria favela (BLOG DESCOLANDO IDEIAS, 2011).

¹⁰ O morro da Babilônia, como é mais conhecido, está situado no bairro do Leme, zona sul do Rio de Janeiro (RJ).

se imaginava, não apenas confirmou o comentário de sua parceira, como sentenciou: “Aqui é comunidade, as outras são favelas”.

Este trecho dialoga diretamente com a reflexão de Schmitz (1995, p. 180): “comunidade é uma dessas palavras cujo significado é sentido entre as pessoas, em medida direta com a realidade afetiva e a força da própria comunidade entre elas”. Ou seja, todo o afeto que o referido morador tem pelo local onde mora o leva a se apropriar de um termo, que para ele denota algo “positivo”, ressignificando assim a sua favela, elevando-a ao *status* de comunidade. Ao mesmo tempo ele circunscreve as demais localidades naquilo que compreende como favela; ao observá-lo, foi possível sentir a carga negativa que o morador atribuiu ao verbalizar a palavra favela. Nesse contexto, entende-se que “talvez os outros lugares, os lugares das outras pessoas, não importam – mas aquele lugar especial, seu próprio lugar, importa” (BAUMAN, 2003, p. 102).

Na favela Santa Marta o tema gerou respostas parecidas com as que estão presentes na enquete, citada anteriormente. Uma moradora defende o uso do termo favela e exclama:

Favela é favela e acabou. Não existe esse negócio de comunidade. Acho que é uma coisa muito arrumadinha. Não estou dizendo que a favela é uma coisa desorganizada, suja e tudo mais. Mas eu acho bonito grifar favela. É o que é. Então, não existe modificar o nome. Agora tá organizado e vamos mudar o nome? Se as pessoas falam comigo: você mora na comunidade? Não. Eu falo que moro na favela (M2).

Outro morador comenta que o uso da palavra comunidade é algo que vem de fora da favela: “pra mim não tem diferença. É mais o que a mídia coloca pra gente. É uma coisa que vem de fora” (M3). Diferentemente dos moradores supramencionados, um guia local realça o uso do termo comunidade:

Acho que favela é só um modo de falar. Até porque o nome vem de uma planta que tinha muito na região, então as pessoas começaram a chamar de favela. E comunidade é no sentido literal da palavra. Você viver em comunidade, você viver em harmonia com quem tá do seu lado. Você ajudar e ser ajudado pelas pessoas próximas (GT2).

Outro guia de turismo contrapõe esta fala, ao complementar a discussão: “Comunidade é qualquer lugar que tem um círculo de pessoas que moram na mesma localidade. Então, um prédio é uma comunidade. Para desconstruir as coisas que eles falavam mal, agora favela não é mais favela, favela é comunidade. Isso para gente não existe” (GT3).

Percebe-se que favela ou comunidade são termos utilizados com sentidos diversos pelos diferentes agentes sociais. Cada um usando a categoria que lhe convém. Freire (2008, p. 109) sugere que não se deve considerar o par favela/comunidade como “categorias estáticas, deve-se compreender a forma como são operacionalizadas pelos

atores, sendo seus sentidos construídos e reconstruídos dinamicamente no cotidiano de suas interações sociais”.

Destacamos outros resultados da pesquisa a partir de interlocutores que ajudam a entender melhor o que é o espaço social da favela e suas diferenças em comparação às demais áreas da cidade:

A favela tem tudo que tem em todo lugar. Mas, por exemplo, a nossa alegria, o nosso encontro, você vê quem sobe e quem desce, falar com o próximo, você dar bom dia, boa tarde, boa noite para o seu vizinho, isso só nas favelas que têm. Eu tô falando relatos de amigos que moram em prédios que dizem que não conhecem o vizinho que mora na frente. Tem o senso de comunidade, que é o senso de te ajudar, de passar a informação correta, de buscar um ajudar o outro e crescer de uma forma total (GT4).

Contrariando o que algumas pessoas falam sobre a falta de educação dos favelados, o exemplo do guia de turismo (GT4), que é reforçado em diversas falas já destacadas aqui, mostra um cidadão que segue as regras da “boa vizinhança”, mantendo um relacionamento amistoso com seus iguais.

Ainda sobre a favela e seus moradores, trazemos a fala de mais um residente da favela Santa Marta que esclarece um pouco sobre como esta categoria está localmente representada: “na minha opinião ser favelado é ser simples, é ser amigo, é ser parceiro dos vizinhos, entendeu? É ter um estilo de vida completamente diferente dos outros, completamente simples (M4)”.

Acerca do que deveria representar o favelado na sociedade, outro guia (GT5) traça outra comparação entre o morro e o “asfalto”¹¹, ao explicar:

Favelado é um cara que mora na Barra da Tijuca, mora no Leblon, que não tem educação, que não respeita o próximo, que não respeita os idosos, que não dá uma bença pra mãe, que xinga o vizinho, que é egoísta. Favelado não quer dizer que mora na favela, favelado é qualquer pessoa que pode ter um aspecto ruim, que as pessoas julgam como se fosse um favelado. A pessoa que mora na favela é um cidadão comum como um outro qualquer. Não é porque ele mora na favela que ele tem que ter esse *status* de favelado. Favelado para mim, qualquer ser humano pode ser um favelado. Depende da condição que ele exerce na sociedade, de como ele trata o próximo, como ele trata um idoso, uma criança, de como ele vive no meio entre as pessoas (GT5).

Este ponto ilustra a forma de usar uma variação do termo favela no sentido pejorativo, isto é, quando a palavra é empregada para denunciar um comportamento desagradável. Ficou evidente no entendimento do entrevistado GT5 que o favelado carrega uma marca, fruto de uma construção exógena. Seu desabafo está ligado ao fato

¹¹ Modo como as pessoas da favela falam sobre os espaços fora da favela. O asfalto é a rua, os prédios, tudo abaixo do morro.

dele perceber que existem indivíduos mal educados em todos os lugares da cidade, intitulados comumente como favelados.

Com a fala de um “turista carioca”, visitante frequente da Santa Marta (V1), busca-se compreender um pouco mais sobre como um morador vizinho às favelas as enxergam. O referido entrevistado comenta acerca do termo favelado e caracteriza os modos de ser e viver dos habitantes da favela:

É um termo pejorativo que é usado muito para ofender quem não é favelado [residente da favela]. Aí você fala “favelado” porque a pessoa se veste mal, a pessoa se porta mal, se porta de forma inadequada, é mal educada, ou faz alguma cagada. Se tu começa a fazer barulho, por exemplo. É tu se portar como favelado. Se tu se veste de uma forma ruim, sei lá, uma bermuda de praia com uma camisa mais arrumada, aí tu fica Paraíba ou então favelado, sacou? Na minha realidade [12] é muito usado como termo pejorativo. Na prática a gente tem pouco contato. O asfalto tem pouco contato com quem mora no morro. Eu percebo que [o termo] é muito usado por gente do asfalto que usa o termo de forma pejorativa pra deixar essa pessoa mal, por alguma atitude dela que não foi educada, não foi comportada, não foi uma atitude dentro de um padrão (V1).

Existem muitas contradições ao que vem a ser a favela para moradores, guias de turismo, líderes comunitários e turistas/visitantes. De maneira especial, interessa indicar que os agentes sociais “dominantes” (agências/guias locais) da área do turismo no Santa Marta empreendem grande energia para reconstruir a forma como os agentes externos (turistas/visitantes) enxergam a dinâmica do espaço social da favela. Ainda assim, será que a maneira como os turistas enxergam o espaço social da favela é estritamente moldada na/pela mediação dos guias? Para avançar nesta questão, seriam necessárias novas investigações que priorizassem a percepção que os turistas/visitantes apresentam sobre a favela (antes e depois) e sobre a mediação dos profissionais guias de turismo.

Algumas considerações

Conforme abordado na seção anterior, as favelas estão inseridas na metrópole, ao mesmo tempo em que estão às margens dela, percebendo-se um duplo contexto que se articula de acordo com certos interesses dos agentes sociais que atuam nessas localidades: o primeiro está presente na condição de fazer a transição da favela (lugar com residentes heterogêneos, espacialmente desorganizado, perigoso...) para uma comunidade (lugar com residentes homogêneos, espacialmente organizado, seguro...); o segundo consiste em “explorar” turisticamente a favela, mas não aquela “boa”, com características de comunidade, e sim aquela com fama ruim, violenta e pobre.

Sugere-se que o termo comunidade não seja utilizado apenas como um recurso eufemístico, quando alguém quiser identificar um local como a favela. O uso do vocábulo

¹² O entrevistado disse que mora no bairro do Leblon - zona sul do Rio, considerada uma região “nobre” da cidade – vizinho à favela do Vidigal.

deve ser responsável, considerando toda sua carga, isto é, o sentido que a palavra carrega e a qualidade que atribui àquilo que está denominando. Do mesmo modo, deve-se estranhar a naturalização do emprego do termo favela e buscar compreender as nuances, matizes que ele tem, visto que não há um consenso em seu uso semântico, bem como aquele percebido no plano simbólico. O uso dos termos também tem a ver com a busca de uma identidade, que confere reconhecimento e aprovação social (BAUMAN, 2003).

Por fim, avalia-se que entre os moradores, bem como para os demais agentes sociais que interagem com as favelas (guias de turismo locais, turistas/visitantes e líderes comunitários), as categorias "favela" e "comunidade" parecem flutuar em uma dimensão virtual, em que os agentes sociais pescam um termo ou outro para referir-se ao mesmo lugar, com sentidos diferentes, onde às vezes a localidade é o lugar do caos urbano ou o local da sociabilidade, conjugada à solidariedade. De maneira maniqueísta e majoritária, a comunidade é concebida como uma unidade democrática de vínculo social, enquanto que a favela se apresenta como um campo de divergências e conflitos humanos (BAUMAN, 2003). Todavia, os termos podem se aproximar ou se afastar, dependendo do contexto em que são empregados e de quem o está usando.

REFERÊNCIAS

BALDIN, N; MUNHOZ, E. Bola de Neve: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2011. Curitiba. **Formação para mudanças no contexto da educação: políticas, representações sociais e práticas.** Curitiba: EDUCERE, 2011.

BARBOSA, G. F. A Favela Santa Marta e seus guias de turismo: identidade, mobilização e conflito. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, v. 1, Número Especial, p.169-179, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/bernardo2/Downloads/gabriel_barbosa_revista_iberamericana.pdf> Acesso em: 20 mar. 2020.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BLOG DESCOLANDO IDEIAS. **Comunidade x Favela. Qual é o certo?** 2011. Disponível em: <<http://descolandoideias.blogspot.com/2011/08/comunidade-x-favela-qual-e-o-certo.html>> Acesso em: 15 mar. 2019.

FERREIRA, A; B. de H. **Novo Aurélio – Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FICHTER, J; H. Definições para uso didático. *In*: FERNANDES, F. (Org.) **Comunidade e sociedade**: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: EDUSP, 1973.

FREIRE, L de L. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro, v. 1, n.2, p. 95-114, 2008.

MENDES, I; C; R. **Programa Favela-Bairro no contexto do plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro**. 2006. 206p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de São Paulo, São Paulo.

MORAES, W; V. de; EMMENDOERFER, M.L. Turismo comunitário e inclusão social: análise do roteiro turístico de base comunitária do projeto boas práticas na Serra do Brigadeiro – MG / Brasil. **Revista Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**. v. 5, n. 3, p.28-35, set./dez., 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Carolina%20Lescura/Downloads/3101-Texto%20do%20artigo-19064-1-10-20151210%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Carolina%20Lescura/Downloads/3101-Texto%20do%20artigo-19064-1-10-20151210%20(2).pdf). Acesso em: 12 maio 2020.

REZENDE, R. de O. Turismo comunitário e favela tour como expressões das novas dinâmicas do consumo turístico. **Turismo em análise**. v.25, n.2, p.354-372, Ago. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/download/83795/pdf_6/> Acesso em: 18 mar. 2020.

SCHMITZ, K. L. Comunidade: a unidade ilusória. *In*: MIRANDA, O. (Org.) **Para Ler Ferdinand Tönnies**: textos de comunidade e sociedade. São Paulo: Editora USP, 1995.

UN-HABITAT. **What are slums and why do they exist?** Nairóbi, 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20110206143558/http://www.unhabitat.org/downloads/docs/4625_51419_GC%2021%20What%20are%20slums.pdf> Acesso em: 15 mar. 2019.

UPP-RJ. **O que é UPP?** Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Endereço para correspondência

Rua Ávaro Guimarães Bressan, nº 27. Bairro: Bauxita. Ouro Preto – MG.
Cep. 35.400-000.

